



“Dos Coxos” (III, 11) de Michel de Montaigne¹

Introdução²

A presente tradução é um dos resultados das “Oficinas de Tradução” (OTs) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que tiveram início em 2009, e cuja finalidade é motivar futuros professores a produzirem material didático próprio. Trata-se de grupos de tradução formados por graduandos e mestrandos de Filosofia, graduandos de Letras e professores de ensino médio e superior, os quais contaram com o apoio de programas como Celin (Centro de Línguas e Interculturalidade da UFPR), Reuni (Reestruturação e Expansão das Universidades), Prae (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis), Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). Alunos do Pibic_EM (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio), do Colégio Estadual Santa Gemma Galgani (Curitiba-PR), também foram convidados a realizar a leitura do ensaio traduzido a fim de sugerir possíveis alterações que permitissem uma melhor compreensão do texto antes da edição final.

O ensaio “Dos Coxos”, de Michel de Montaigne, foi selecionado após a constatação da necessidade de textos para o trabalho com epistemologia. Nesse texto, Montaigne destaca a emergência do ceticismo para combater a vaidade dogmática que colocava em risco a vida humana em decorrência da pretensa “caça às bruxas” feita pela Inquisição. “Para matar as pessoas é preciso uma clareza luminosa e limpa sobre seus atos; e nossa vida é demasiadamente real e essencial para servir de garantia a esses acontecimentos sobrenaturais e fantásticos”, disse o

1 A presente tradução do capítulo “Dos Coxos” [“Des boyteux”] dos *Ensaíos* (III, 11) de Michel de Montaigne é extraída da seguinte edição francesa: MONTAIGNE, *Œuvres complètes*. Textes établis par Albert Thibaudet et Maurice Rat. Paris: Éditions Gallimard, Nrf-Bibliothèque de La Pléiade, 1962. p. 1002-1013 et 1660-1663. Trata-se de uma versão integralmente revisada e parcialmente modificada de uma tradução previamente publicada e catalogada na Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – Universidade Federal do Paraná (UFPR): Montaigne, Michel Eyquem de. *Os ensaios. Livro III: Dos Coxos*. Oficinas de Tradução. Departamento de Filosofia. Universidade Federal do Paraná – [Curitiba]: Ed. SCHLA/UFPR, 2012. 22p – [Traduzindo: Textos filosóficos na sala de aula].

2 Introdução de Cinelli Tardioli Mesquita. Professora EBTB de Filosofia no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS - Campus Inconfidentes) e doutoranda na linha “Filosofia Moderna e Contemporânea” da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: cinelli.tardioli@gmail.com

filósofo. Para acompanhar toda a argumentação do humanista, convidamos o leitor à leitura integral do texto.

“Dos Coxos” (III, 11) de Michel de Montaigne

Há dois ou três anos, encurtaram em dez dias o ano na França³. Quantas mudanças deveriam seguir essa reforma! Foi propriamente mover o céu e a terra ao mesmo tempo. No entanto, nada saiu de seu lugar: meus vizinhos encontram a hora de semear e de colher, a oportunidade para os seus negócios e os dias prejudiciais e propícios no mesmo lugar de sempre. Não se sentia o erro no nosso antigo costume nem se sente a melhoria com essa mudança. Há tanta incerteza em tudo, nossa percepção é tão grosseira, obscura e obtusa. Dizem que esse ajuste poderia se conduzir de maneira menos incômoda: eliminando, segundo o exemplo de Augusto⁴, durante alguns anos, o dia suplementar dos anos bissextos, pois, de qualquer modo, é um dia de embarço e confuso, até que chegássemos a compensar exatamente essa diferença (o que nem mesmo foi feito com essa correção e permanecemos, ainda, com alguns dias de atraso). E também, do mesmo modo, poderiam ter se prevenido quanto ao futuro, organizando, após a decorrência deste ou daquele número de anos, que esse dia extraordinário seria sempre apagado, de tal forma que nosso erro de cálculo não poderia, daí em diante, exceder vinte e quatro horas. Não temos outra medida de tempo senão os anos. Há tantos séculos que o mundo se serve dessa medida; e, ainda assim, não fomos capazes de fixá-la totalmente, tal que ficamos incertos todos os dias sobre qual forma as outras nações lhe deram e como a usam. O que pensar do que dizem alguns, que os céus se comprimem em nossa direção quando envelhecemos e nos coloca na incerteza das horas e dos dias? E dos meses, conforme diz Plutarco⁵, que, ainda em seu tempo, a Astrologia não conseguia determinar o movimento da Lua? Em que boa condição estamos para manter o registro das coisas do passado!

Estava devaneando, como faço frequentemente, sobre como a razão humana é um instrumento livre e vago. Constantemente, vejo os homens se ocuparem mais em buscar a razão dos fatos que lhes são propostos do que em procurar saber se são verdadeiros. Eles deixam as coisas e se põem a tratar das causas. Engraçados causadores! O conhecimento das causas pertence somente àquele que tem o governo das coisas, não a nós, que apenas as suportamos e as usamos plenamente, de acordo com nossa natureza, sem penetrar na sua origem e essência. Nem o vinho é mais prazeroso àquele que conhece seu processo de fabricação. Ao contrário, tanto o corpo quanto a alma interrompem e alteram o direito que têm ao uso do mundo ao mesclarem a pretensão de ciência. O determinar e o saber, assim como o dar, pertencem à regência e à maestria; à inferioridade: a sujeição e a aprendizagem, cabe aceitar e apreciar. Voltemos ao nosso assunto. Passamos por cima dos fatos, no entanto examinamos curiosamente suas consequências. Habitualmente começamos assim: “Como é que isso acontece?” Seria preciso antes perguntar:

“Mas isso realmente acontece?” Nossa razão é capaz de criar cem outros mundos e descobrir seus princípios e sua ordenação; ela não precisa nem de matéria, nem de fundamento; deixe-a correr: constrói bem tanto no vazio quanto no cheio, tanto na ausência quanto na presença de matéria, “*dare pondus idonea fumo*”⁶ [Que dá peso à fumaça]. Acho que em quase tudo seria preciso dizer: “Não é nada disso” e usaria frequentemente essa resposta; mas não ousa, pois gritam dizendo ser uma fuga produzida por fraqueza de espírito e por ignorância. E eu me sinto obrigado, na maior parte das vezes, a atuar em conversas sobre assuntos e contos frívolos de que descreio inteiramente. Além disso, em verdade, é um pouco rude e provocativo negar totalmente algo afirmado sobre um fato. E poucas pessoas deixariam, especialmente em relação às coisas sobre as quais é difícil persuadir, de afirmar o que viram ou de invocar testemunhas cuja autoridade calaria nossa contestação. Seguindo esse costume, sabemos os fundamentos e as causas de mil coisas que nunca existiram; e o mundo se debate em mil questões das quais os prós e os contras são falsos. “*Ita fnitima sunt falsa veris, ut in praecipitem locum non debeat se sapiens committere.*”⁷ [As coisas falsas são tão parecidas com as verdadeiras que o sábio não deve se arriscar em terreno tão precipitoso.]

A verdade e a mentira têm suas faces com a mesma forma; porte, gosto e aspectos semelhantes: nós as olhamos com os mesmos olhos. Penso que não somos apenas frouxos em nos defender do engano, como também procuramos e nos propomos a nos enredar nele. Gostamos de nos envolver com o que é vão, como algo conforme ao nosso ser.

Vi o nascimento de vários milagres em minha época. Ainda que se sufoquem ao nascer, nós não deixamos de prever o caminho que percorreriam se tivessem vivido toda a vida. Pois somente é preciso encontrar a ponta do fio para desenrolarmos o quanto quisermos. E há mais distância entre nada e a menor coisa do mundo do que entre esta e a maior. Ora, os primeiros que são alimentados com esse começo de estranheza, vindo a semear sua história, sentem, a partir das oposições que lhes são feitas, onde está a dificuldade da persuasão e vão preenchendo esse lugar com algum dado falso. Além disso, “*insita hominibus libidine alendi de industria rumores*”⁸ [pelo prazer inato aos homens de espalhar rumores], naturalmente hesitamos em devolver o que nos é emprestado sem algum juro e acréscimo de nossa parte. Primeiramente o erro particular faz o erro público e, depois, por sua vez, o erro público faz o erro particular. Assim vai toda essa construção, se modelando e se formando de mão em mão; de maneira que a testemunha mais distante é a mais bem instruída que a mais próxima, e a última informada é mais persuadida que a primeira. É um progresso natural. Pois qualquer um acreditando em alguma coisa considera ser obra de caridade persuadir um outro; e, para tanto, não teme acrescentar da sua

6 Pérsio, Sátira, V, 20.

7 Cícero, *Acadêmicos*, II, XXI, 68.

8 Tito Lívio, *História de Roma*, XXVIII, XXIV, 1.

invenção, tanto quanto acredite ser necessário em seu favor, a fim de suprimir a resistência ou a falha que pensa existir na concepção do outro.

Eu mesmo, que dou singular importância a não mentir e que não me preocupo em dar credibilidade e autoridade ao que digo, percebo em mim, todavia, quanto aos propósitos que tenho em mãos, que, estando inflamado, ou pela resistência de outro ou pelo próprio calor da narração, aumento e inflo meu assunto por meio da voz, gestos, vigor e força das palavras e, ainda, por extensão e amplificação, não sem prejuízo à verdade pura. Mas o faço em tal condição que, ante o primeiro a me repreender e a me pedir a verdade nua e crua, deixo de lado imediatamente meu esforço, e lhe a entrego sem exageros, sem ênfase e sem enchimento. A fala viva e barulhenta, como a minha habitualmente é, se entrega voluntariamente à hipérbole.

Não há nada para o qual os homens sejam mais propensos do que para dar vazão a suas opiniões: quando nos falham os meios habituais, adicionamos o comando, a força, o ferro e o fogo. É uma infelicidade estarmos reduzidos a um ponto tal que o melhor critério de verdade seja o imenso número de crentes, quando o número de tolos na multidão supera em muito o número de sábios. “*Quasi vero quidquam sit tam valde, quam nil sapere vulgare.*” [Como se não houvesse algo tão comum quanto a ausência de bom senso.] “*Sanitatis patrocinium est, insanientium turba.*”¹⁰ [É a defesa da sanidade pela multidão insana.] É difícil manter o julgamento contra as opiniões comuns. A primeira persuasão, extraída do próprio assunto, se apodera dos simples; dali se expande até os mais hábeis, sob a autoridade do número e antiguidade dos testemunhos. Quanto a mim, se não acredito em um testemunho, ainda não acreditarei em cem deles; tampouco julgo as opiniões pela sua idade.

Há pouco tempo, um de nossos príncipes¹¹, a quem a gota fez perder a beleza natural e a amabilidade, deixou-se persuadir fortemente por um relato sobre as maravilhosas operações realizadas por um sacerdote. Este, por meio de palavras e gestos, curava todas as doenças. O príncipe fez uma longa viagem para ir ao encontro desse sacerdote, o qual, pela força da imaginação, o persuadiu e lhe amorteceu as pernas por algumas horas, de tal forma que obteve delas o serviço desaprendido há muito tempo. Se a sorte tivesse acumulado cinco ou seis de tais acontecimentos, eles seriam capazes de dar vida a esse milagre. Encontrou-se tanta simplicidade e tão pouca arte no arquiteto de tais obras que o julgaram indigno sequer de punição. Como também se faria se a maior parte das coisas fosse estudada na sua origem. “*Miramur ex intervallo fallentia.*”¹² [Admiramos as coisas cuja distância nos engana.] Nossa visão, à distância, frequentemente representa imagens estranhas que

9 Cícero, *De Divinatione*, II, xxxix, 81.

10 Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, VI, x.

11 M. de Nemours, sobrinho de Louise de Sabóia, morto em 1585 e doente de gota desde os trinta e seis anos.

12 Sêneca, *Cartas a Lucílio*, XX, cxviii, 7.

desaparecem ao nos aproximarmos delas. “*Nunquam ad liquidum fama perducitur.*”¹³
[Nunca a fama se atém à verdade.]

É espantoso de quantos vãos começos e frívolas causas nascem normalmente tão famosas opiniões; é isso que dificulta a investigação sobre elas. Pois enquanto procuramos causas e fins fortes, importantes e dignos de tão grande renome, perdemos as verdades; elas escapam de nossa vista por sua pequenez. E para a verdade requer-se um inquiridor muito prudente, atencioso e sutil em tais buscas, imparcial e sem ideia preconcebida. Até este momento, todos esses milagres e acontecimentos estranhos ocultam-se diante de mim. Não vi no mundo monstro ou milagre mais explícito que eu mesmo. Habituo-nos a toda estranheza pelo uso e pelo tempo; quanto mais convivo comigo e me conheço, mais minha deformidade me espanta e menos eu me entendo.

O principal direito de dar crédito e divulgar tais acidentes é reservado à sorte. Passando anteontem por um vilarejo a duas léguas de minha casa, encontrei o lugar ainda inflamado por um milagre que acabara de se mostrar falso, pelo qual a vizinhança havia se interessado por muitos meses e as pessoas das províncias próximas começavam a se agitar e acorrer em grandes grupos de diferentes condições sociais. Uma noite, pensando somente em desfrutar de uma brincadeira momentânea, um jovem do vilarejo se divertia em sua casa imitando a voz de um espírito. Saindo-se nisso um pouco melhor do que esperava, juntou-se a uma moça da região, estúpida e simples, para estender sua farsa e impulsioná-la; e no final já eram três, de mesma idade e inteligência semelhante; e de pregações domésticas passaram a pregações públicas, escondendo-se sob o altar da igreja, falando apenas à noite e proibindo os outros de levar qualquer luz até lá. De palavras tendendo à conversão do mundo e da ameaça do dia do julgamento (assuntos cuja autoridade e reverência escondem melhor a impostura), chegaram a visões e movimentos que, de tão ingênuos e ridículos, não se encontraria nada de tão grosseiro nem mesmo em brincadeira de criancinhas. Contudo, se a sorte quisesse favorecê-los um pouco, quem sabe até onde esse fingimento os teria levado? Esses pobres-diabos estão agora na prisão e sofrerão provavelmente a pena pela tolice comum; e não sei se algum juiz não se vingará neles pela sua própria tolice. Nesse caso, que foi desvendado, vemos com clareza, porém em casos semelhantes, os quais ultrapassam nosso conhecimento, sou da opinião de que suspendamos nosso juízo, tanto para rejeitar quanto para aceitar.

Muitos abusos são gerados no mundo, ou para falar mais audaciosamente, todos os abusos do mundo são gerados pelo fato de que nos ensinam a ter medo de assumir a nossa ignorância e somos obrigados a aceitar tudo o que não podemos refutar. Falamos de todas as coisas de forma imperativa e dogmática. O estilo jurídico de Roma determinava que mesmo o que uma testemunha depusesse ter

13 Quinto Cúrcio Rufo, *História de Alexandre*, IX, II, 14.

visto com seus próprios olhos, e que um juiz decidisse pela sua mais segura ciência, fosse concebido nesta forma de falar: “Parece-me”. Fazem-me odiar as coisas verossímeis quando me são apresentadas como infalíveis. Gosto destas palavras que atenuam e moderam a temeridade de nossas proposições: “por ventura”, “de certo modo”, “algum”, “dizem”, “penso”, etc. E se eu tivesse tido que educar crianças eu lhes teria ensinado esta forma de responder, questionadora e irresoluta: “o que isso quer dizer?”, “eu não entendo”, “poderia ser”, “é verdade?” Antes elas tivessem mantido a forma de aprendizes aos sessenta anos do que agir como doutores aos dez, como fazem. Se quisermos curar a ignorância, é preciso confessá-la. Íris é filha de Taumante¹⁴. O espanto é fundamento de toda filosofia; a investigação, o progresso; a ignorância, o fim. Mas, em verdade, há alguma ignorância forte e generosa não devendo nada em honra e coragem à ciência¹⁵. E há tanta ciência em conceber essa ignorância como em conceber a própria ciência.

Vi em minha infância um processo publicado por Corras, conselheiro de Toulouse, sobre um estranho incidente no qual dois homens se faziam passar um pelo outro¹⁶. Lembro-me (e não me lembro de mais nada também) de que me pareceu que Corras julgara a impostura daquele por ele considerado culpado tão espantosa e excedendo de tal modo o nosso conhecimento e o seu próprio, como juiz, que considerei muito ousada a sentença condenando-o à força. Admitamos uma forma qualquer de sentença declarando “A corte não está entendendo nada”, mais livre e ingenuamente do que fizeram os Areopagitas¹⁷, que se achando pressionados por uma causa que não podiam explicar, ordenaram as partes a retornar após cem anos.¹⁸

As feiticeiras de minha vizinhança correm risco de vida dependendo da

14 Na mitologia grega, Taumante é o centauro, pai de Iris. Thaumás significa espanto, admiração. Iris é a mensageira dos deuses e tem o significado de verdade. A verdade é filha do espanto, da admiração. (Ver Platão, *Teeteto*, XI, 155d).

15 “Ciência”: não no sentido de saber especializado ou sistematizado, mas de saberes em geral.

16 Martin Guerre, um camponês francês do século XVI, foi personagem central de um célebre caso de impostura; um homem chamado Arnaud du Tihl, sócia de Martin Guerre, aproveitou-se de uma longa ausência deste para tomar seu lugar, vivendo com sua esposa e filhos por três anos. O falso Guerre foi levado a julgamento, soube responder todas as questões que lhe foram impostas – mesmo as mais íntimas – e foi executado, uma vez que o verdadeiro Martin Guerre retornara à cidade durante o processo. Jean de Corras, membro do parlamento de Toulouse na época, concluiu: “Há grandes razões para pensar que ele [o falso Guerre] tivera um espírito familiar”. O caso continua a ser estudado e dramatizado até hoje. Nota-se, a esse respeito, que um filme de 1982 retrata o caso: *Le retour de Martin Guerre* (*O Retorno de Martin Guerre*), dirigido por Daniel Vigne e que traz Gérard Depardieu no papel principal.

17 Areopagitas eram os “juizes do areópago”. Areópago era um tribunal de Atenas situado em uma colina consagrada a Marte. Diz-se que foi nesse tribunal onde primeiro se aplicou a pena de morte. Durante o período democrático, o Areópago cumpria a função de um tribunal constituído por Arcontes, que era responsável pelos julgamentos dos crimes de homicídio premeditado, envenenamento, incêndio, dentre outros.

18 O Areópago de Atenas teve que julgar um caso em que a esposa assassinou seu segundo marido. Este, com a ajuda de seu filho, teria assassinado o filho do primeiro casamento da esposa. Sem saber como penalizar as partes, o areópago ordenou que todos voltassem vivos ao tribunal cem anos depois. Esse se tornou um exemplo clássico de *casus perplexus*, um caso de dificuldade moral máxima.

opinião de cada novo autor¹⁹ que venha a dar corpo aos seus sonhos. Para acomodar os exemplos oferecidos pela palavra divina sobre tais coisas, exemplos tão certos e inquestionáveis, e associá-los a nossos acontecimentos modernos, uma vez que deles não vemos nem as causas nem os meios, é necessária outra inteligência que não a nossa. Pode ser que só caiba ao testemunho do Todo-poderoso nos dizer: “Este aqui e esta são, e aquele não.” Nisso, devemos acreditar em Deus, é de verdade uma boa razão; porém não um dentre nós, que se espanta com sua própria narração (e necessariamente se espanta com ela, se não estiver fora de juízo), quer a empregue a atos de outrem, falando de outro feiticeiro que não ele mesmo, quer a empregue contra si mesmo.

Sou difícil de convencer e me apego um pouco ao concreto e ao verossímil, evitando as antigas reprovações: “*Majorem fidem homines adhibent iis quae non intelligunt.*”²⁰ [Os homens dão mais fé àquilo que não compreendem.] “*Cupidine humani ingenii libentius obscura creduntur.*”²¹ [Uma tendência natural da mente humana a crer em coisas obscuras.] Vejo bem que nos enfurecemos e que me proibem de duvidar dessas coisas sob pena de injúrias execráveis. Nova forma de persuadir! Graças a Deus, minha crença não se maneja a socos. Que censurem aqueles que acusam sua opinião de falsidade; eu a acuso somente de ousadia e de ser difícil de acreditar, e condeno a afirmação oposta, assim como eles o fazem, senão tão imperiosamente quanto eles. “*Videantur sanè, ne affirmentur modo.*”²² [Que estas coisas sejam propostas como prováveis, mas que de modo algum sejam afirmadas.] Quem estabelece seu discurso como um desafio e como um comando, mostra que sua razão é fraca. Em uma disputa verbal e escolástica, talvez eles tenham tanta aparência de razão quanto seus objetores; mas na consequência efetiva que tiram disso, estes últimos têm mais vantagem. Para matar as pessoas é preciso uma clareza luminosa e limpa sobre seus atos; e nossa vida é demasiadamente real e essencial para servir de garantia a esses acontecimentos sobrenaturais e fantásticos. Quanto a drogas e venenos, eu os coloco fora de minha consideração: são homicídios, e da pior espécie²³. No entanto, mesmo nisso dizemos que nem sempre é preciso se ater à confissão dos feiticeiros porque os vimos, às vezes, confessar haver matado pessoas que se encontravam saudáveis e vivas.

_____ Nessas outras acusações extravagantes, eu diria ser bem razoável que um

19 As obras de demonologia traziam estudos sistemáticos sobre os demônios. Provavelmente essa passagem é uma referência à obra “Demonomania dos feiticeiros” (1580), de Jean Bodin, que defendia a enérgica repressão à feitiçaria.

20 Autor desconhecido.

21 Tácito, *Histórias*, I, XXII.

22 Cícero, *Questões Acadêmicas*, II, xxvii.

23 Em algumas obras de demonologia, discutia-se o sentido exato de uma passagem específica do livro do Êxodo, XXII, 18: “*Maleficos non patieris viuere*”. Alguns autores, como Jean Wier (*Histórias*, discursos e disputas das ilusões e imposturas dos diabos, VI, XXIV), apoiavam-se na versão grega do livro para sustentar que a lei visava os envenenadores. Montaigne reconhece a plena culpabilidade dos envenenadores. A questão, aqui, reside em saber se existem bruxas, propriamente ditas, e se está ao alcance da inteligência humana o poder de identificá-las.

homem, não importando sua reputação, seja acreditado naquilo que é humano; quanto ao que está fora de seu entendimento e é um efeito sobrenatural, somente deve ser acreditado quando uma autoridade sobrenatural o aprovar. Esse privilégio consentido por Deus em dar a alguns de nossos testemunhos não deve ser aviltado e comunicado levemente. Tenho os ouvidos cansados de mil histórias: três pessoas viram alguém em determinado dia no lado nascente; três o viram no dia seguinte no Ocidente, a determinada hora, em determinado lugar, vestido assim. Certamente nem eu acreditaria em mim mesmo. Quanto a mim, penso ser mais natural e mais verossímil dois homens mentirem do que um só passe em doze horas do Oriente ao Ocidente como o vento! Quanto mais natural é nosso entendimento ser levado pela volúpia de nosso espírito desequilibrado que um de nós ser carregado, em carne e osso, sobre uma vassoura ao longo de uma chaminé por um espírito estranho! Não procuremos ilusões de fora e desconhecidas; nós, que somos perpetuamente agitados por nossas próprias ilusões domésticas. Parece-me ser perdoável não acreditar no sobrenatural, ao menos na medida em que seja possível desviar e evitar a sua verificação por meio natural. E sou da opinião de Santo Agostinho, vale mais tender para a dúvida do que para a certeza nas coisas de difícil comprovação e crença perigosa.

Há alguns anos, passei pelas terras de um príncipe soberano, o qual, em meu favor e para abater a minha descrença, concedeu-me a graça de me fazer ver em sua presença, em lugar particular, dez ou doze prisioneiros dessa natureza, e dentre outros uma velha, realmente bruxa em feiura e deformidade, muito famosa de longa data nessa profissão. Vi provas e livres confissões e uma tal marca insensível naquela velha miserável, a tal marca de Satã²⁴, e perguntei e falei tudo o que quis, prestando atenção nisso o mais que podia; e não sou o tipo de homem a deixar o juízo preso a preconceitos. No final e em plena consciência, eu lhe teria antes receitado heléboro que cicuta²⁵. “*Captisque res magis mentibus, quam consceleratis similis visa.*”²⁶ [O caso deles me parecia mais próximo da loucura que do crime.] A justiça tem suas próprias correções para tais doenças.

Quanto às objeções e aos argumentos apresentados por homens honestos, aqui e frequentemente em outros lugares, nada ouvi que me tenha convencido e que não admita solução mais verossímil que suas conclusões. É verdade que eu não desato as provas e razões fundamentadas na experiência e no fato; também elas não têm ponta; eu normalmente as corto, como Alexandre cortou seu nó²⁷. Afinal de contas, cozinhar um homem vivo com base em suas conjecturas é lhes dar valor demasiado.

24 Teóricos da bruxaria afirmavam que ter uma marca insensível a agulhas e picadas no corpo confirmava a posse do demônio. Esse sinal era buscado nos acusados de bruxaria.

25 “Heléboro”: planta que curava a loucura, segundo crença antiga. “Cicuta”: planta venenosa.

26 Tito Lívio, *História de Roma*, VIII, XVIII.

27 Nessa passagem, Montaigne refere-se ao nó do templo de Górdio, impossível de desatar segundo a lenda que remonta ao século VIII a.C. Quem o desatasse conquistaria a Ásia Menor. Alexandre, O Grande (356 a.C. – 323 a.C.), percebendo a impossibilidade de desamarrá-lo, cortou-o com a sua espada, tornando-se assim o senhor da Ásia Menor. Daí vem a expressão “cortar o nó górdio”, que significa resolver um problema complexo de maneira simples e eficiente.

Narram-se diversos exemplos, e Prestâncio conta o de seu pai, o qual, entorpecido e adormecido mais profundamente que um sono normal, fantasiou ser um jumento e servir de burro de carga a soldados. E o que fantasiava o era. Se os feiticeiros sonham assim materialmente, se às vezes os sonhos podem de fato incorporar-se, ainda não creio que nossa vontade deva responder por isso perante a justiça.

O que digo, eu o faço como alguém que não é juiz nem conselheiro de reis, e que não se considera digno de o ser, mas sim um homem do povo, nascido e criado para obedecer à razão pública, tanto em seus feitos quanto em seus ditos. Quem levasse em conta meus devaneios, em prejuízo da mais mísera lei de seu vilarejo, ou opinião, ou costume, faria tão grande mal a si quanto a mim. Porque não dou garantia do que digo, senão de que é isso o que tinha naquele instante em meu pensamento, pensamento desordenado e vacilante. É pela conversa que falo de tudo e falo sobre nada por meio de opiniões. “*Nec me pudet, ut istos, fateri nescire quod nesciam.*”²⁸ [Eu não tenho vergonha, como essas pessoas, de confessar ignorar o que ignoro.] Eu não seria tão ousado no falar se me coubesse ser acreditado; e foi isto o que respondi a um grande lamentando da aspereza e do ardor de minhas exortações: Sentindo-te inclinado e preparado de uma parte, exponho-te a outra com todo o cuidado que posso, para esclarecer o teu julgamento, não para amarrá-lo; Deus sustenta teus sentimentos e te fornecerá escolhas. Não sou tão presunçoso a ponto de desejar que apenas minhas opiniões inclinem para algo de tamanha importância – minha sorte não as endereçou a tão poderosas e elevadas decisões. É verdade que não tenho apenas modos de ser em grande número, mas também opiniões em excesso, das quais pouparia meu filho, se o tivesse. Que mais dizer, se as mais verdadeiras não são sempre as mais acomodadas ao homem, tão selvagem é sua composição!²⁹

A propósito ou fora de propósito, não importa, há na Itália um provérbio segundo o qual não conhece Vênus em sua perfeita doçura aquele que não se deitou com uma manca. O acaso, ou algum evento particular, colocou há muito tempo essas palavras na boca do povo; e isso se diz tanto dos machos quanto das fêmeas. Pois a rainha das amazonas respondeu ao cita que a convidava ao amor: “o manco o faz melhor³⁰”. Naquela república feminina, para fugir da dominação dos machos, elas os aleijavam desde crianças: braços, pernas e outros membros que lhes dessem vantagens sobre elas; e serviam-se deles somente do que nós aqui nos servimos delas. Eu teria dito que o movimento irregular da mulher manca traz um novo prazer à tarefa e alguma ponta de doçura àqueles que a experimentam, mas acabo de saber que mesmo a filosofia antiga já tinha decidido: como as pernas e coxas das mancadas não recebem, devido à sua imperfeição, o alimento que lhes é devido, as partes genitais, por estarem acima, se tornam mais cheias, nutridas e vigorosas. Ou então que, como esse defeito impede o exercício, os coxos dispensam menos força e

28 Cícero, *Tusculanas*, I, xxv, 60.

29 “Selvagem composição”: comportamento imprevisível, irregular e impulsivo do homem em relação às opiniões verdadeiras.

30 Erasmo, *Adágios*, II, ix, 49.

chegam com mais vigor aos jogos de Vênus. É também a razão pela qual os gregos descreviam as tecelãs como mais fogosas que as outras mulheres: devido ao trabalho sedentário realizado, sem grande exercício físico. A esse preço, do que não podemos falar? Sobre estas se poderá dizer ainda que o estremecimento originado pelo seu trabalho, assim sentadas, as desperta e solicita assim como fazem o movimento e o tremor das carruagens com as damas.

Esses exemplos não podem servir ao que eu dizia no início? Que as nossas razões antecipam frequentemente o fato, e têm a extensão de sua jurisdição tão infinita que elas julgam e se exercem mesmo na inaniidade e sobre o não ser? Além da flexibilidade de nossa invenção para forjar razões para todo tipo de fantasias, nossa imaginação tem igualmente facilidade para receber impressões da falsidade por aparências bem frívolas. Pois somente pela autoridade do uso antigo e popular desse provérbio fui antes levado a crer que recebi mais prazer de uma mulher porque ela era deformada, o que pus na conta de suas graças.

Torquato Tasso, na comparação entre França e Itália, diz ter notado o seguinte, que temos as pernas mais finas que as dos cavalheiros italianos, e atribui a causa disso ao fato de que estamos continuamente a cavalo. Com base no mesmo fato, Suetônio tira uma conclusão totalmente contrária: pois ele diz, ao inverso, que Germânico engrossou as suas pela continuação do mesmo exercício. Não há nada tão maleável e desregrado quanto nosso entendimento: é o sapato de Terâmenes³¹, bom para todos os pés. E ele é duplo e diverso, e as matérias, duplas e diversas. “Dá-me uma dracma de prata”, dizia um filósofo cínico a Antígono. “Não é um presente de rei”, respondeu Antígono. “Dá-me, então, um talento”, pediu o cínico. “Não é presente para um cínico”, replicou Antígono.

Seu plures calor ille vias et caeca relaxat

Spiramenta, novas veniat qua succus in herbas;

Seu durat magis et venas astringit hiantes,

Ne tenues pluviae, rapidive potentia solis

*Acrior, aut Boreae penetrabile frigus adurat.*³²

[Seja que este calor abra novos caminhos e poros secretos por onde sobe a seiva nas ervas novas, seja que ele torne a terra mais dura e estreite suas veias, e assim a protege contra as chuvas finas, contra os ardores do sol ou contra o frio penetrante do Boreal.]

“*Ogni medaglia ha il suo reverso*”. [Toda medalha tem seu reverso.] Eis por que Clitômaco dizia antigamente que Carnéades tinha superado os trabalhos de Hércules, por ter arrancado dos homens o consentimento, isto é, a opinião e a

31 “Sapato de Terâmenes”: metáfora de um calçado adaptável tanto ao pé direito quanto ao esquerdo, utilizada para exemplificar a capacidade de adaptar-se às circunstâncias.

32 Virgílio, *Geórgicas*, I, 89-93.

leviandade de julgar. Essa fantasia de Carnéades, tão vigorosa, nascera antigamente, na minha opinião, em razão do cinismo daqueles que fazem profissão de saber e de suas pretensões desmedidas. Colocaram Esopo à venda juntamente a dois outros escravos. O comprador perguntou ao primeiro destes o que sabia fazer; ele, para valorizar-se, respondeu montes e maravilhas, que sabia isto e aquilo; o segundo respondeu de si tanto ou mais; quando chegou a vez de Esopo e lhe perguntaram também o que sabia fazer: “nada, pois esses aí já fizeram tudo; eles sabem tudo”, respondeu. Assim aconteceu na escola da Filosofia: o orgulho daqueles que atribuíam ao espírito humano a capacidade de todas as coisas causou em outros, por despeito e rivalidade, a opinião de que não se é capaz de nada. Alguns sustentam com base na ignorância esse mesmo extremismo que outros sustentam na ciência – e fazem isso a fim de não podermos negar que o homem é imoderado em tudo e que seu limite é apenas o da necessidade e da impotência de ir além.

Tradução et notas da Equipe de Tradução³³ do Grupo “Oficinas de Tradução da UFPR”, coordenado por Cinelli Tardioli Mesquita.

Revisão técnica de Camila Figueiredo de Freitas e Cinelli Tardioli Mesquita.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

33 Equipe de Tradução: Camila Figueiredo de Freitas, Cinelli Tardioli Mesquita, Clara Mariana Romanovski, Eduardo de Oliveira Torquete, Eloiza Botelho, Evandro Felipe Machado, Kamila Cristina Babiuki, Marcio Zaboti, Marcus Vinícius Ribinski Bernardo, Rejane Giacomassi, Rodrigo Ponce Santos, Verônica Ferreira de Miranda, Zoraia Ribeiro dos Santos.